

## A PRÁXIS FREIREANA NA EDUCAÇÃO

*Tânia Maria Marinho Sampaio\**

Pautando-nos sob a perspectiva em tomo de um paradigma que venha efetivamente expressar a face interna de uma nova sociedade, é que vemos para a realidade brasileira, a prática de Paulo Freire como a via que se coaduna com a possibilidade real de abalar as estruturas em que está pautada a atual sociedade. E dizemos possibilidade real de abalo, posto que de nada adianta, e sabemos bem disso, promover a reforma agrária, a democratização da cultura, a participação decisória pelo voto e tantos outros mecanismos, se realmente não alcançarmos, no seu âmago, o "latifúndio humano" para transformá-lo em justa terra humana. Quantas vezes vivenciamos "atitudes reformistas" que tão-somente condizem com a mera alteração do visual da conjuntura social, que continua escorada numa estrutura rígida, na qual poucos homens permanecem donos de tantos outros. Na alteração puramente conjuntural, apenas as peças são superficialmente trocadas, mas o tabuleiro do jogo social, o qual se faz campo de ação, permanece agasalhando suas peças, tão-somente em posições trocadas; é mister que as regras do jogo, essas sim se refaçam justas, se refaçam humanas.

Reeditar o acordo das regras que forram e perfazem as relações tecidas pelos homens, sem que venham a destoar como remendos à trama de uma estrutura velha, arcaica, é tarefa eminentemente humana e posto que humana, profundamente dolorosa, a exigir a coragem que reinventa, que assustadoramente "re-cria". Esse recriar faz-se sobremodo doloroso, posto que abala as posições nas quais os homens já se instalaram, impondo perdas a uns, esperança e medo a outros.

Freire, entre o poeta e o filósofo, arquiteta o quadro que abre a reestruturação a que aludimos:

---

\* Professora do Programa de Pós-Graduação na área de tecnologia educacional do CEFET - RJ.

*“Sim! O medo existe em você, precisamente porque você tem o sonho. Se seu sonho fosse o de preservar o “status quo”, então o que você teria a temer? Seu medo pode estar voltado para as forças na sociedade que estão lutando “contra o status quo”. Você está vendo? Então, você não precisa negar seu medo. Se você racionaliza o medo, então nega o sonho. Para mim é necessário ser absolutamente claro a respeito desses dois pontos: o medo vem de seu sonho político, e negar o medo é negar o sonho.”<sup>1</sup>*

A biografia de Paulo Freire vem a revelá-lo como um educador basicamente comprometido com a ação, com a prática efetiva em relação ao projeto humano. Sua teoria sobre o DIÁLOGO é oriunda dessas situações concretas, onde o dialogar com pessoas que sabem tão-mais escutar, impôs-se como a única forma de fazerem-nas crer que tinham direito à condição do humano, à condição de dizerem a sua própria palavra.

A resposta ao desafio do século XX fez Freire refletir sobre alguns indicadores do caminho do conhecimento para esses “menos favorecidos”, tendo o diálogo como meio, instrumento, método. Numa época como a nossa, em que os valores estão sendo questionados e como bem enfocamos, o apreço e a priorização que se entrega a um tipo de racionalidade que reifica sempre mais a tudo e a todos, é que a concepção freireana de uma relação dialógica vem revitalizar o senso da verdadeira comunicação, tão deturpado e empobrecido nesses dias. Freire percebeu a emergência de um espaço onde o homem possa restabelecer seu equilíbrio existencial, uma vez que, perdido num sistema social onde o dinheiro e o poder estão a serviço da materialidade, vai conduzi-lo a encontrar explicações, não dentro de si nem no mundo, mas numa esfera “entre os homens” e “entre os homens e o mundo”, esfera esta criada pelo confronto, no diálogo.

O diálogo, assim dirigido ao conhecimento, como meio de entregar ao homem a sua natural condição de sujeito e sujeito que pensa o mundo, que nele interfere a fim de conhecê-lo, explicá-lo e até transformá-lo, vai ser compassado, resumidamente, pelo senso da ação/reflexão.

---

1. FREIRE, P. *Medo e Ousadia*, p. 70.

Reeditando a maiêutica socrática, Freire faz do diálogo a via da conscientização humana, ou como ele próprio alude, é o diálogo uma "arqueologia do conhecimento", que não condiz jamais com aqueles que não têm interesse em permitir que a justiça, mais que social ou política, a antropológica, se faça. Assim, à semelhança socrática, Freire põe que, ao interrogar, de acordo com a estrutura do conhecimento do outro, vai-se desafiar o oprimido a clarificar a sua concepção de si e do mundo, fazendo com que se reconheça como um eu perante outros, tendo de permeio o objeto do mundo. Esta é a consciência de si/consciência do outro, que o diálogo está a instigar, a fim de que o eu asfixiado pela força opressora, possa emergir e transitar para o mundo. Eis a ação/reflexão, que no viés do diálogo, ocorrem num só tempo cronológico e subjetivo.

A imposição e a manipulação são ações que não se coadunam jamais com esta nova e revolucionária estrutura mental: o homem novo, liberto, o que deixa sua posição conjuntural de objeto e passa a estruturar-se como sujeito. Por isso o diálogo em Freire assume a condição de um processo de aprendizagem permanente. Vemos que é na tessitura dialógica que se realiza a conscientização humana, e posto ser inacabado o homem, faz-se ainda no diálogo, o escoamento utópico que o conduz a querer SER MAIS do que ainda não foi: é no diálogo freireano que vemos fazer-se voz, a coação dos coagidos ao silêncio, como a denúncia de toda sua escravidão, em contraponto, como portador da esperança, o anúncio da libertação.

Freire assim comprometido com os problemas da nossa realidade, faz seu objetivo a libertação do homem do processo de dominação, instado pelo clima antidialógico de nossa realidade: conduzidos opressoramente à instância de objetos, eles não podem criar, muito menos recriar ou transformar. A reversão que aponta, durante toda sua prática e sua obra, vai inscrita no encontro dos dominados, cujas consciências são despertadas pelo diálogo, que os conduz de consciência de si como homem oprimido, à consciência de classe oprimida, classe antagônica aos que assim lhes configuram, a opressora. Despertados então para a consciência de classe, instância já criticizada, a historicização humana será impressa na formação social sob outras penas.

Acertadamente diremos que para compreender Freire, há que se admitir de antemão essa prática dialógica presente em sua obra, pois todos os temas por ele tratados, vêm a se completar nessa noção. De maneira bem elementar, tem na conta que o diálogo, esquematicamente se traduz numa relação hori-

zontal entre A e B, mediatizados pelo mundo. Sendo horizontal a relação, os dois termos se encontram simetricamente no mesmo nível, sem qualquer imposição ou opressão; contrariamente a uma relação vertical onde A se superioriza frente a B ou vice-versa. Na relação horizontal, os elementos traduzindo uma relação EU-TU, apresentam-se ambos na postura de sujeito, onde a ordem da justiça e da liberdade permeiam a relação que promove a vida. Na verticalidade, a relação de dominação, de opressão, de sujeito-objeto vem a diluir um dos elementos - é a ordem da injustiça e da repressão, a asfixiar e promover a anulação. Não há aí o "logos" de dois, por isso não há comunicação, mas imposição, que é tão-somente unilateral.

No diálogo autêntico, instado pela horizontalidade, cada qual emerge como sujeito e os interesses de ambos são validados numa reflexão conjunta, que possibilita o discernimento - é a criticidade racional sendo praticada concretamente no mundo.

A criticidade como esteio da prática dialogal é justamente a condição que Freire entrega à ordem de ser sujeito no mundo e sujeito entre sujeitos.

É assim, a razão impressa na comunicação que podemos ler em sua obra, como condição prioritária, natural, antropológica. Por isso ser sujeito, transitar entre sujeitos mediante o mundo, é promover cada vez mais a instância de uma razão perpassada nas relações próprias dos homens. E esta racionalidade será sempre mais estimulada em sua prática, a fim de reverter a estrutura social opressora, ao realizar-se através do exercício dialogal.

Quanto mais uma sociedade se pautar pela ação dialogal, cada vez mais vai-se emancipando como um todo social, que de forma uníssona guinda ao verdadeiro desenvolvimento, deixando para trás a relação que cinde, que divide os bens materiais, os simbólicos e os próprios homens - uma sociedade de segmentos, onde uma facção a si reverte os benefícios, em detrimento de outra que, injustamente, tem no irracionalismo a indignidade humana.

Dá Freire trazer o diálogo inscrito nas linhas e entrelinhas de toda sua atuação, como a constituir o fator que possibilita a relação e o exercício da racionalidade e da liberdade entre os homens. (Leia-se ainda que ser racional é ser livre ou ser livre é ter a garantia do exercício da razão).

Ainda que a situação vivida seja conflitante, o próprio conflito, pela via do diálogo, se transforma numa situação de desafio à cata de solução. Se lhe tirar de pauta o diálogo, o conflito se dissipará pela força e poder, na relação de dominação, na imposição. Através do diálogo, que condiz com o próprio movimento dialético, posto que as duas “razões” se expõem, é que se conduzirá a síntese dos interesses adversos, no qual se tem a saída do impasse, na fusão de uma terceira solução, eminentemente racional, por isso eminentemente humana.

Através da citação de Freire

*“O diálogo fenomeniza e historiciza a essencial intersubjetividade humana; ele é relacional e, nele, ninguém tem iniciativa absoluta. Os dialogantes ‘admiram’ um mesmo mundo; afastam-se dele e com ele coincidem; nele põem-se e opõem-se. Vimos que, assim, a consciência se existencia e busca perfazer-se. O diálogo não é um produto histórico, é a própria historicização. É ele, pois, o movimento constitutivo da consciência que, abrindo-se para a infinitude, vence intencionalmente as fronteiras da finitude e, incessantemente, busca encontrar-se além de si mesma. Consciência do mundo, busca-se ela a si mesma num mundo que é comum; porque é comum esse mundo, buscar-se a si mesma é comunicar-se com o outro. O isolamento não personaliza porque não socializa. Intersubjetivando-se mais, mais densidade intersubjetiva ganha o sujeito.”<sup>2</sup>*

e, por ela incitados, permitimo-nos com o autor refletir.

Freire mostra que o diálogo sendo relacional, promove que essa razão intersubjetiva mediada pelo mundo, perfaça o próprio fenômeno histórico. Retomando nas idéias, vemos que a história é a razão posta no mundo, através da intersubjetividade mediada pelo mundo, que a relação dialogal promoveu. Os extremos das assertivas nos permitiram concluir com Freire, que o diálogo é a historicização mesma. Esta conclusão riquíssima para seu entendimento, nos leva ao encontro da noção de conscientização que daí se justifica, a carrear

---

2. FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*, p. 10.

para si a relação ação/reflexão e ainda teoria/prática.

Continuando na reflexão sobre o trecho, vemos que a possibilidade do diálogo coincide com a possibilidade do ser sujeito enquanto na relação, enquanto ENTRE SUJEITOS, que é o exercício do fazer histórico no mundo. Como essa trama racional intersubjetiva é sempre mais desenvolvida, posto que aí se instala a aprendizagem, o conhecimento humano sempre incompleto, Freire acaba por nos levar a concluir que o próprio homem, ou a sua condição primordial, antropológica, DIALOGAL, é infinita. Ou ainda, o diálogo faz-se via finita de sua própria expressão infinita. E o homem, infinito ou inacabado, tem na sua relação própria, no DIÁLOGO, o também senso aberto que conduz ao horizonte utópico: a utopia no diálogo se inscreve, ou o homem se inscreve na utopia pela condição dialogal.

Daí a sociedade, na perspectiva freireana, só poder se completar, na sua versão autêntica e verdadeira, quando fruto da prática de **todos** os seus sujeitos. Quando distorcida pelos opressores, que quebram o processo intersubjetivo e conseqüentemente o exercício dialogal, esta sociedade estará capenga, pois apenas poucos se dizem sujeitos(?), ao instar tantos outros como seus objetos. A interrogação como decorrência de nossas reflexões se faz pertinente, pois como pode existir o sujeito autêntico, fora da intersubjetividade, fora da relação dialogal se é esta que lhe conforma? Daí a sociedade dessa relação advinda ser uma sociedade infeliz, a podar o verdadeiro homem em qualquer de suas "classes", uma vez que na relação sujeito-objeto, esse falso sujeito se amarra e se aprisiona aos próprios grilhões, os quais tem que continuar usando para manter o seu objeto (o outro "sujeito"): é a sociedade fadada à dor da desumanização no seu próprio contomo estrutural. É o homem e qualquer homem, perdido, desfigurado, desalojado de si e do mundo, a flutuar no absurdo de si mesmo - é o homem atual imerso num estado de crise.

É desse sentido deformado que brota a indignação freireana e o seu veemente desejo de reestruturação da sociedade para fazê-la verdadeira. Todos serão nela inscritos na condição de sujeito, que como tal se perceberão entre sujeitos, entrelaçados pelo direito à palavra, pelo direito ao exercício da razão, pelo direito ao diálogo que os autoriza a fazerem a própria história, em nome do foro maior que é a Liberdade.

E Freire nos deixa ainda como reforço, que essa intersubjetividade

sendo permeada pelo mundo, que a todos é comum, faz com que o verdadeiro sentido do ser sócio-político-antropológico assuma a dimensão de sê-lo, na própria ordem relacional que os costura, a fim de que no entrelaçamento desse "socius", possam garantir a sobrevivência e soffrear a força impetuosa da natureza que a todos perpassa, como pano de fundo de sua próprias existências.

Por isso o DIÁLOGO irá, conforme apontaremos, condizer com a essência de todo o pensamento freireano.

De acordo com a perspectiva do diálogo, a configurar a possibilidade autenticamente humana em Freire, é que temos chances de compreender o sentido daí decorrente, que o autor entrega às noções ação/reflexão, bem como às noções teoria/prática.

Quando nos referimos à prática dialogal, na qual se inscreve a libertação humana, já de antemão aludimos à instância de uma prática, quem em Freire se observa como prioridade ímpar, posto que o homem, distanciando-se do mundo para "admirá-lo", ele se faz capaz de agir conscientemente sobre essa realidade então objetivada. É exatamente nessa feição que se realiza a verdadeira "práxis humana", a se compor da unidade indissolúvel entre a sua ação e a sua reflexão sobre o mundo. Ao ultrapassar a esfera espontânea de apreensão da realidade, chegando a essa instância crítica, na qual a realidade se faz cognoscível, é que a verdadeira atitude epistemológica terá sido pelo homem atingida. Este homem a que aludimos, faz-se, por excelência, para Freire, o homem oprimido.

Nessa diretriz do pensamento, o oprimido para Freire, somente quando descobre nitidamente o opressor, (através do despertar que a prática dialógica lhe concedeu) e se engaja na luta por sua libertação, através da consciência que adquiriu de si e da classe, é que abandona a sua "convivência" com o opressor. É justo esta descoberta que só se efetiva para o oprimido, no plano de sua **ação crítica** sobre o mundo. Ou, indo um pouco mais em nossas idéias, é a percepção de Freire que assevera que esta descoberta não pode efetivar-se num mero ativismo, sequer ater-se unicamente ao nível da crítica em si mesma (a "admiração"). Para que a transformação e a libertação decididamente se efetivem, é necessário que a ação dos oprimidos tenha sido realmente despertada para uma ação associada ao sério empenho da reflexão, a traduzir a verdadeira práxis libertadora: é para Freire a ação eficientemente

associada à realidade; e eficiência no seu entendimento, condiz em ser adequada à realidade, fazendo portanto a análise desta, indispensável. E como consequência imediata, a reflexão feita análise da realidade, há que apontar para a ação, não se permitindo um estéril e puro jogo verbal. A ação se toma dessa feita, o critério por excelência para a verdadeira criticidade filosófica em Freire. É então aí, que os oprimidos se reconhecerão na sua vocação de SER MAIS: é a ação e a reflexão impondo-se, sem dicotomizarem o conteúdo da forma histórica de ser do homem.

Nesse esforço de reflexão crítica a que conduz o diálogo, a responder às necessidades dos oprimidos, vê-se inscrita uma verdadeira práxis de libertação, a configurar-se nas próprias palavras de Paulo Freire:

*“... se o momento já é o da ação, esta se fará autêntica práxis, se o saber dela resultante se faz objeto da reflexão crítica. Neste sentido, é que a práxis constitui a razão nova da consciência oprimida e que a revolução que inaugura o momento histórico desta razão, não possa encontrar viabilidade fora dos níveis da consciência oprimida.”<sup>3</sup>*

A ação inscrita nos conteúdos das condições econômicas, sociais, políticas, educativas e religiosas que perfazem os “temas históricos” dos homens, e temas que essencialmente devem ser trazidos à instância crítica pelos oprimidos, vem perfazer a relação similar teoria/prática:

*“Desligada da prática, a teoria transforma-se em algo banal. Separada da teoria, a prática é apenas um ativismo cego. Por isso, não há práxis autêntica fora da unidade dialética ação-reflexão, prática-teoria. Da mesma forma, não há ‘contexto teórico’ válido se não estiver em unidade dialética com o ‘contexto concreto’. Neste contexto no qual os fatos ocorrem, encontramos-nos envolvidos, ‘embebidos’ pela realidade sem necessariamente percebermos, de forma crítica, a razão de ser desses fatos. No ‘contexto teórico’, distanciando-nos do concreto, procuramos a razão de ser desses fatos (...)*

---

3. *ibid*, p. 57.

*A reflexão só é válida quando nos faz voltar ao concreto, cujos fatos deve tentar clarificar, possibilitando assim que nossa ação sobre eles seja eficaz. Iluminando a ação realizada ou que se está realizando, a autêntica reflexão clarifica, ao mesmo tempo, a ação futura, que é seu desafio e que, por sua vez, deve abrir caminho para uma nova reflexão.”<sup>4</sup>*

A práxis de Paulo Freire, enquanto compassada por uma ação que se faz reflexão, a trazer para uma instância questionadora o conteúdo que move os temas históricos, acaba por instalar-se na sociedade, como uma prática gnosiológica, que visa a organização das massas. Faz-se pois uma prática condizente à própria epistemologia, que se efetiva na trilha educacional, eixo central do pensamento freireano, onde o senso marcadamente político nela está permeado. Esticando mais adiante o raciocínio por nós desenvolvido, temos que a relação teoria/prática, que condiz com o aspecto epistemológico, é eminentemente de cunho político. Daí para Freire a conscientização do homem, instada pela ação/reflexão, ser um ato altamente político, a abalar a estrutura na qual poussa a sociedade opressora.

Educação e conscientização coincidem-se assim em Freire, perpassadas pelo senso dialógico, como a verdadeira essência do gesto político. E conscientizar-se para Freire, condizendo com a possibilidade do diálogo, atende em última instância à condição antropológica, ou como diz Freire, à vocação que os sujeitos têm de perceberem-se como capazes de virem a SER MAIS, nas infinitas combinações das relações humanas, travadas perante o inesgotável mundo para o qual, em comunhão transitam, a fim de explicá-lo e transformá-lo.

Destarte a práxis entendida em Freire como ação transformadora dos sujeitos diante de si e do mundo, faz do DIÁLOGO, que se abre infinitamente ao vir-a-ser, o seu viés de realização. Daí podemos entender Freire nas assertivas que permeiam toda sua reflexão: o homem é práxis; sendo nela, em sua manifestação dialógica, que preenche ontologicamente sua feição de sujeito.

Como um realce conclusivo, diríamos que “a prática dialógica de Paulo

---

4. FREIRE, P. *Conscientización y Revolución*. Documentos IDAC nº 1, Ginebra, 1973, p. 718.

Freire” revela uma característica importante do autor. Para ele, o significado do termo “prática” (sua ação eminentemente educacional), vem fazer-se coincidente ao do termo “práxis”, que envolvendo a instância relacional, a instância do confronto, carrega o sentido de transformação. Por isso entendemos que nem toda prática é necessariamente práxis; pois quantas práticas exercitamos, sem que venhamos através dela elastecer ou redimensionar nossa ação sobre o mundo. A prática freireana contudo, posto que instada pelo diálogo configurador de sua humanidade, é a própria expressão de uma práxis por ele vivenciada ao longo de sua obra, de sua vida, ou ainda de sua própria práxis revolucionária. De revolucionária (práxis), revolucionário (Freire) à utópica (práxis), utópico (Freire) oscila o “pro-jeto” do homem, a reverter sempre mais as ações opressoras de uma sociedade, em ações para a liberdade, a qual é sempre recolocada num “topos”, que por não se ter ainda concretizado, condiz com o traçado do percurso humano.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. São Paulo, Brasiliense, 15ª ed., 1989.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 8ª ed., 1982.

\_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

SHOR, Ira e FREIRE, Paulo. *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.